

Soft Power, Imperialismo Midiático e a Geopolítica das Plataformas: uma reflexão sobre os efeitos das Redes Sociais na disputa entre os EUA e a China.¹

Walmir Roberto Estima do Rego Barros²

Dario Brito Rocha Jr³

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo aprofundar os conhecimentos sobre as relações entre Redes Sociais e geopolítica no âmbito da disputa geopolítica entre EUA e China. Justifica-se a investigação pelo caráter disruptivo de duas características centrais deste século: a disputa geopolítica entre Estados Unidos da América e China e a ruptura midiática proveniente do advento da internet e das Redes Sociais. Teve como base os ensinamentos de Thompson sobre Poder Simbólico, Manuel Castells em O Poder da Comunicação entre outros teóricos de Mídia e Sociedade, além de arcabouço teórico sobre Relações Internacionais. Ao final espera-se ter um maior entendimento sobre como o advento das Redes Sociais aumentou substancialmente a capacidade de exercício do poder simbólico bem como este poder pode ser exercido pelas potências que o dominam.

PALAVRAS-CHAVE: Redes Sociais; Geopolítica; Poder Simbólico; *Soft Power*; Imperialismo Midiático; Plataformização

INTRODUÇÃO

A relação entre mídia e geopolítica tem sido tema de importância crescente desde a globalização das indústrias culturais, com proeminência do domínio estadunidense no ocidente. A internet fez surgir um ecossistema disruptivo no que diz respeito às relações entre Política e Comunicação. Neste ecossistema as Redes Sociais Digitais ocupam lugar de destaque. É neste mesmo momento histórico que os Estados Unidos e a China começaram, durante a presidência de Donald Trump (2016-2020), uma guerra

¹ Trabalho submetido ao IJ-08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação - do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM. Desenvolvido durante a cadeira de Metodologia de Técnicas de Pesquisa em Comunicação na Universidade Católica de Pernambuco, em concomitância com a Pesquisa de Conclusão de Curso de pós-graduação Lato Sensu em Relações Internacionais no IBMEC-SP.

² Aluno de graduação em Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco e de pós-graduação em Relações Internacionais no IBMEC-SP. Bolsista PIBIC/Unicap (2020-2021) e aluno participante (2021-2022) do grupo Createch - Tecnologias Aplicadas ao Desenvolvimento de Soluções e Produtos em Indústrias Criativas, certificado pelo CNPq. e-mail: walmirestima@yahoo.com.br.

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Indústrias Criativas (PPG Criativas) e dos cursos de Jornalismo, de Publicidade e Propaganda e de Jogos Digitais da Universidade Católica de Pernambuco. Pesquisador permanente dos grupos "Createch - Tecnologias Aplicadas ao Desenvolvimento de Soluções e Produtos em Indústrias Criativas" e "Mídia e Cultura Contemporânea", certificados pelo Diretório de Grupos do CNPq. Orientador deste trabalho. E-mail: dario.brito@unicap.br

comercial que deixou mais evidente o que viria a ser a disputa geopolítica mais emblemática desta era.

O foco deste trabalho está na reflexão sobre as associações entre estes dois contextos disruptivos: o advento das Redes Sociais como atores de alta relevância política e a tensão geopolítica entre duas superpotências com sistemas de organização sociopolítica e orientação ideológica distintas. Isto será feito através de uma pesquisa bibliográfica e documental que buscará relacionar o advento e expansão das plataformas de Redes Sociais com a disputa geopolítica entre EUA e China.

Os estudos sobre o poder simbólico de Thompson foram escolhidos para, em princípio, definir e descrever o peso geopolítico geral representado pelo domínio e instrumentalização de artefatos midiáticos. Enquanto isso, estudos de referência sobre a economia política das plataformas e a Cultura Digital servem de suporte teórico para se entender com mais detalhe como o exercício do poder das redes sociais funciona na prática. Ao final deste trabalho, espera-se que o mesmo possa contribuir para se pensar possibilidades regulatórias e ampliar o escopo das discussões em prol da manutenção de valores democráticos e de soberania nacional numa sociedade de comunicação globalizada e, por vezes, regulada por atores externos.

1. A GEOPOLÍTICA E O PODER SIMBÓLICO

Henry Kissinger (1999, p.1) afirma que como por força de uma lei natural, parece que em cada século surge um país com poder e vontade, ímpeto intelectual e força moral para moldar todo o sistema internacional aos seus próprios valores. No fim do século XIX se deu início a derrocada do domínio geopolítico do Concerto Europeu para a emergência dos EUA como principal potência econômica, militar e tecnológica do globo terrestre, o que se concretizou no fim do século XX quando este domínio foi confirmado com o fim da Guerra Fria. Em seu primeiro discurso como Secretário de Estado do governo Joe Biden em 03/03/2021, Anthony Blinken expressou:

(..) nós vamos gerenciar o maior teste geopolítico do século XXI: nossa relação com a China. Vários países nos apresentam desafios sérios, incluindo Rússia, Irã, Coreia do Norte. E existem sérias crises com as quais temos que lidar, incluindo o Iêmen, Etiópia e Mianmar. Mas o desafio colocado pela China é diferente. A China é o único país com o poder econômico, diplomático, militar e tecnológico para

desafiar seriamente um sistema internacional estável e aberto - todas as regras, valores e relações que fazem o mundo funcionar da forma que queremos, porque isso em última instância serve os interesses que refletem os valores do povo americano. (2021). - tradução nossa.

A tensão geopolítica do século XXI se dá, então, com a ascensão da China e é acompanhada do espetacular sucesso de uma Rede Social chinesa (TikTok) no mundo todo, inclusive no próprio território dos EUA. E esta plataforma, assim como as norte-americanas, está colhendo dados de usuários de forma industrial, lucrando com a economia da atenção e personalizando a experiência midiática dos usuários. No atual estado do capitalismo internacional, a coleta de dados em massa permite não apenas ações de vigilância de sociedades inteiras em escala e profundidade inéditas como também é ativo essencial em termos econômicos e estratégicos como será visto adiante. Neste sentido Castells afirma que

O poder é mais do que a comunicação e a comunicação é mais do que o poder. Mas o poder depende do controle da comunicação, assim como o contrapoder depende do rompimento desse controle. E a comunicação de massa, a comunicação que potencialmente atinge a sociedade como um todo, é moldada e administrada por relações de poder, tem raízes nos negócios da mídia e nas políticas do Estado. O poder da comunicação está no âmago da estrutura e da dinâmica da sociedade. (2013, p.21)

Disputas geopolíticas são, por definição, disputas de poder. Thompson (2013) define poder como a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses e de intervir no curso dos acontecimentos e suas consequências, sem concordância prévia dos outros atores envolvidos. Pode-se assim dizer que momentos de tensão geopolítica ocorrem quando potências globais com objetivos e interesses divergentes competem entre si pela capacidade de guiar o curso dos acontecimentos da história mundial em seu favor. Segundo Mahbubani (2020), acadêmico das relações internacionais e diplomata de Singapura:

Na inevitável competição geopolítica entre América e China, cada um será tentado a usar seus robustos músculos geopolíticos para persuadir, subornar, pressionar e forçar outros países a tomar os seus lados. Este é o comportamento normal de super-potências. (p.213) – tradução nossa.

Thompson (2013) define quatro tipos principais de poder: econômico, político, coercitivo e simbólico. Mas deixa claro que esta divisão tem caráter meramente

analítico, pois os tipos de exercício de poder comumente se sobrepõem de maneiras complexas e variadas. O poder simbólico, principal foco deste trabalho, é aquele que nasce das atividades de produção, transmissão e recepção dos significados das formas simbólicas. Castells (2013) afirma que o processo de formação e exercício das relações de poder é transformado de forma decisiva no novo contexto organizacional e tecnológico que se origina das redes digitais globais de comunicação como o sistema fundamental de processamentos de símbolos em nossa era. Tanner Mirrlees também afirma que “tecnologias digitais são moldadas de formas significativas pela economia geopolítica do sistema internacional” (2019, p.223) - tradução nossa.

Ainda segundo Castells (2013) é nas Redes Sociais que ocorrem as atividades mais importantes da internet. São espaços de convivência que conectam múltiplas dimensões das experiências das pessoas, inclusive a político-ideológica. Pode-se afirmar que as Redes Sociais são, assim, Instituições Paradigmáticas (THOMPSON, 2013), ou seja, instituições que proporcionam bases privilegiadas e são direcionadas para a acumulação de determinado recurso e o exercício de determinada forma de poder.

Castells (2013) afirma que o poder opera atuando sobre a mente humana por meios de mensagens comunicativas. A mente humana recebe mensagens e as processa até que elas se traduzem na esfera da ação política. “Na escala societal, é a comunicação mediada que constitui o ambiente simbólico no qual as pessoas recebem, processam e enviam os sinais que produzem sentido em suas vidas.” (p.29). Entendemos que esta seria uma das maneiras pela qual a governança de uma Rede Social de larga utilização pode aumentar o poder da potência que a domina, pois oferece oportunidades de mediação de tais processos comunicativos. Já Van Dijk, em seus estudos sobre plataformas digitais, afirma que:

Plataformas digitais on-line penetraram profundamente todos os setores da sociedade, perturbando mercados, relações de trabalho, e instituições, enquanto transformam práticas sociais e cívicas; mais do que isso, as dinâmicas das plataformas afetaram a própria essência dos processos democráticos e da comunicação política. (2019, p. 175) - tradução nossa.

Foi através das Redes Sociais que se formaram movimentos sociais icônicos ao redor do mundo que moldaram a situação política de países diversos.

Na produção de formas simbólicas, os indivíduos se servem destas e de outras fontes para realizar ações que possam intervir no curso dos acontecimentos com consequências mais diversas. As ações simbólicas podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e descrever, apoiar os negócios do estado ou sublevar as massas em revolta coletiva. (THOMPSON, 2013, p.42)

André Lemos, ao analisar o papel das Redes Sociais nos movimentos árabes afirma que:

Nas revoluções árabes de 2012, podemos dizer (já que há rastros que provam a afirmação) que blogs, Facebook, Twitter, YouTube e celulares agiram como mediadores e foram agentes mobilizadores de ações de/para outros actantes que ganharam várias dimensões (as ruas, as emissões televisivas, os artigos etc) e fizeram com que as ditaduras do Egito e da Tunísia caíssem. (2013, p.166)

O fato de a organização política da China fazer contraponto à democracia liberal, que os EUA sempre defenderam ao redor do mundo, aumenta a tensão entre as potências. Em sua obra Ruptura: a crise da Democracia Liberal, Castells afirmou que:

Dessas crises institucionais surgiram na última década algumas revoluções populares que procuraram articular uma nova relação entre representação parlamentar e representação social, particularmente na Bolívia e no Equador. Mas em boa parte do mundo, em especial na China e na Rússia, consolidaram-se regimes autoritários que se constituem alternativas eficazes à democracia liberal (2018, p.9)

O pressuposto primário deste livro de Castells é o de que a Democracia Liberal está em crise, e a crise não está apenas no âmbito socioeconômico: a Democracia Liberal está perdendo sua legitimidade na mente das pessoas. Tal pressuposto é também compartilhado por Noah Harari em 21 lições para o século 21:

O terrorismo manipula o medo em nossa mente, sequestrando a imaginação privada de milhões de indivíduos. Da mesma forma, a crise da democracia liberal se desenrola não somente em parlamentos e seções eleitorais, mas também nos neurônios e nas sinapses. (2018, p.13).

Enquanto Joseph Nye (2020, p.2) afirma que potências dominantes promovem os seus valores políticos, e que o mundo não seria o que é hoje caso os EUA não saíssem vencedores da 2ª guerra e da Guerra Fria: “Das três grandes narrativas ideológicas do século vinte - fascismo, comunismo e liberalismo - só a última foi deixada de pé no seu fim”. (p.3) - tradução nossa. Harari (2018) , por sua vez, afirma que em 1938 foram oferecidas três narrativas aos seres humanos para que escolhessem uma; em 1968

apenas duas; e em 1998 uma única alternativa parecia prevalecer; e em 2018 chegamos a zero. É neste contexto “psicossocial” que a China surge no atual cenário internacional como potência desafiante da hegemonia norte-americana.

Harari (idem, p.38) afirma ainda que qualquer narrativa que busque ganhar a adesão da humanidade será testada, acima de tudo, em sua capacidade de lidar com as revoluções gêmeas na tecnologia da informação e na biotecnologia. Ao falar sobre a revolução da informação, Kumar (1997) afirma que seus objetivos são rigorosamente definidos pelos objetivos tradicionais das elites políticas e econômicas, entre esses objetivos cita o de expandir o poder do Estado, tanto contra seus próprios cidadãos como contra outras nações. Para o entendimento das associações onde as Redes Sociais e a geopolítica se entrelaçam com mais clareza, iremos descrever estes pontos de enlace na reflexão sobre dois conceitos: *Soft Power* e Imperialismo Midiático.

2. *SOFT POWER* E IMPERIALISMO MIDIÁTICO

O conceito de *Soft Power* foi criado por Joseph Nye. Surgiu para definir os aspectos persuasivos do poder norte-americano: a habilidade de jogar a opinião pública e as ações políticas ao redor do globo em favor de seus objetivos sem o uso da força. O termo *Soft Power* faz contraponto com o termo *Hard Power*, que define o poder militar-coercitivo e o poder econômico.

Como John F. Kennedy coloca, ‘O poder mágico do nosso lado é o desejo de todas as pessoas de serem livres, de todas as nações de serem independentes. . . Isso é porque eu acredito que nosso sistema é mais congruente com os valores fundamentais da natureza humana que eu acredito que nós vamos em última instância ser bem sucedidos.’ O liberalismo iluminista valoriza a liberdade e os direitos do indivíduo e acredita que tais direitos são universais, não apenas limitados ao público americano. (2020, p.3) - tradução nossa.

Nye (2020, p.13) afirma que a Política Internacional envolve sete bilhões e meio de pessoas em quase duzentos países sem governo mundial. Muitos não adotam as tradições éticas ocidentais. A doutrina da livre circulação de informações, há muito espalhada pelos EUA, contém elementos que ajudam a mudar este quadro em seu favor.

Os EUA por muito tempo espalharam a ‘doutrina da livre circulação de informação’ - que enquadra a liberdade de transmitir e receber informações através das fronteiras, desimpedida por barreiras estatais,

como um direito humano e caminho para construir uma ordem global de Estados capitalistas, liberais e pacíficos - para avançar os interesses de suas indústrias culturais no mercado global. (MIRRLEES, 2019, p.215) - tradução nossa.

Estes projetos seguiram beneficiando os EUA em termos econômicos e geopolíticos. O *Soft Power*, assim, que está mais ligado à capacidade de atrair os demais por meio da legitimidade dos valores do Estado ou suas políticas, alia-se a outras ferramentas de poder para a concretização de objetivos específicos. É o que Nye chama de *Smart Power*. A diplomacia pública pode ser considerada uma ferramenta com este objetivo. “O Departamento de Estado dos EUA coordena o seu próprio programa de diplomacia pública, de \$1.8 bilhões de dólares por ano, que lança imagens positivas e mensagens sobre a América para o mundo através da internet e mídias sociais.” (MIRRLEES, 2019, p.218) - tradução nossa.

Com a nova administração Biden, foi lançado o “*Office of Global Social Media*”, que tem a missão de “expandir o alcance da política externa dos EUA através das novas mídias e tecnologias de comunicação da web.” (Departamento de Estado dos EUA - site oficial) - tradução nossa. Este escritório faz parte da estrutura maior da subsecretaria de Estado dos EUA para Diplomacia Pública. No cenário internacional atual, no qual a China aumenta exponencialmente seu poder econômico e geopolítico, é possível também ver uma ascensão no uso de estratégias de *Soft Power* por este país. Segundo Murdock (2019), junto com os movimentos da China para fortalecer o seu alcance econômico e financeiro global, o Estado chinês perseguiu uma política cultural internacional concertada visando ganhar corações e mentes.

Desde o início do século vinte e um, a República Popular da China (RPC) está engajada em um programa massivo de expansão internacional de mídia e cultura. Xinhua, a agência de notícias oficial, está crescendo a sua rede de correspondentes internacionais. As principais emissoras internacionais, China Central Television (CCTV) e China Radio Internacional (CRI), aumentaram o número de canais e o número de línguas que eles transmitem. O principal jornal oficial, People’s Daily, e seus companheiros China Daily e Global Times, lançaram edições internacionais ambiciosas e exploraram os recursos da internet para fazer suas notícias e visões disponíveis ao redor do mundo. Tem havido esforço para promover a cultura e a língua chinesa através de organizações como os mais de 500 Institutos Confúcio ao redor do mundo. (SPARKS, 2019, p. 275) - tradução nossa.

O atual estado do ecossistema midiático, transformado pela internet, coloca em proeminência as plataformas de Redes Sociais no peso que cada organização midiática tem sobre as possibilidades de expansão do alcance de conteúdos culturais determinados.

O carro-chefe de jornal em inglês, China Daily, foi fundado em 1981 e até 2009 era publicado apenas em Pequim. Então se expandiu para uma edição diária na América do Norte e suplementos semanais na Europa, Ásia e África (HARTIG 2018 *apud* SPARKS, 2019). No mesmo ano, se juntou com uma edição em inglês do jornal mais popular Global Times, publicado em Pequim e direcionado à crescente audiência anglófona na cidade. Essas publicações gozam, na internet e no world wide web, de uma circulação internacional muito mais ampla que suas edições impressas. (idem, p.279) - tradução e grifos nossos.

Segundo Murdock,

A caminho para promover entendimento, admiração, e respeito pelas tradições intelectuais, artísticas e conquistas recentes da China foi liderado pela principal mídia estatal impressa e audiovisual e complementado por um arranjo de instituições culturais e intervenções. (2019, p.294) - tradução nossa.

A internet já é lugar privilegiado para a expansão do alcance das corporações de mídia estatais, é de se esperar que, com o aumento do alcance internacional das redes sociais chinesas, estas também entrem como uma ferramenta de relevância neste arranjo citado por Murdock. A proeminência das plataformas de Redes Sociais está não só nos aspectos técnicos e na capacidade de alcance, mas também na quase total ausência de regulação e na dificuldade de fiscalização de elementos que trabalham ocultamente, como os algoritmos. Plataformas deste tipo já são instrumentos do governo chinês em território nacional:

Assim como com a Wanda, no entanto, as estratégias operacionais do Tencent e do Alibaba são enquadradas pelas prioridades definidas pelo Partido-Estado e as pressões que eles exercem. As divisões de conteúdo da Tencent são sujeitas à supervisão governamental constante. Postagens no WeChat são rigorosamente examinadas em busca de material politicamente dissidente enquanto empregados do partido trabalham nas comunidades on-line para promover as narrativas oficiais. (GUO, 2018 *apud* MURDOCK, 2019). - tradução nossa.

Coletando dados de forma industrial enquanto os usuários navegam no aplicativo, as redes sociais podem fornecer a agências governamentais informações valiosas sobre a

opinião pública em determinado país. Isto ajudaria estas agências não só a antecipar o início de ondas de opinião pública negativa, como também entender mais a fundo como funciona a psique de determinadas coletividades para que campanhas de propaganda sejam elaboradas com mais eficiência em outras organizações de mídia ou em outras Redes Sociais. Ao responder os críticos que se baseiam na ideia de que a indústria cultural chinesa jamais será tão expansionista quanto a dos EUA, Sparks responde que:

A evidência apresentada aqui é a de que, enquanto a China está desenvolvendo um aparato midiático e cultural para apoiar o seu papel de imperialista nascente, ainda não conquistou muito no caminho para a aceitação popular. Certamente ainda não está numa situação onde possa esperar suplantar os Estados Unidos como a primeira potência global, nem em termos políticos e militares, nem em poder midiático e cultural. É, no entanto, um erro, concluir que os críticos estão certos e que todo este investimento em televisão, jornal impresso e internet é dinheiro jogado no lixo. Por uma razão: ainda está cedo, e influência cultural leva tempo para ser construída. (2019, p.283) - tradução nossa

Já os estudiosos do Imperialismo Midiático comumente refletem como artefatos midiáticos originados em Estados poderosos específicos passam a ter algum controle sobre o curso internacional e o desenvolvimento de países terceiros. Além disso, trata das formas pelas quais esses artefatos estão ligados às forças econômicas e geopolíticas do estado-nação do qual ele se originou. Ele pode englobar o conceito de *Soft Power* quando este é exercido por aparelhos midiáticos de forma mais direta, mas vai além. Mirrlees (2019, p.214) afirma que “entre 1946 e 2000, os Estados Unidos tentaram influenciar os resultados de, no mínimo, 81 eleições estrangeiras”. O conceito de Imperialismo Midiático, assim, vai além da estratégia estatal de construir uma imagem de líder natural e exemplar no cenário internacional para se analisar as capacidades concretas e diretas de intervenção nos rumos políticos e sociais de países terceiros tendo como ferramenta de poder os aparelhos midiáticos.

Sparks (2019, p. 276) afirma também que existe uma diferença fundamental entre as teorias de *Soft Power* e de Imperialismo Midiático na medida em que Joseph Nye defende que o *Soft Power* é, predominantemente, fruto da ação de atores não-estatais, enquanto o *Hard Power* é exercido por atores estatais. Esta diferença é largamente defendida pelos teóricos do *Soft Power*, enquanto os pesquisadores de Imperialismo

Midiático tendem a colocar o Estado como ator principal dentro deste jogo de usar produtos culturais para interesses geopolíticos. Mirrlees afirma que:

Desde a virada do milênio, o DoD (Departamento de Defesa) imaginou a internet e o World Wide Web como uma ‘arma’ e um ‘campo de batalha’ no qual muitos Estados, corporações e atores não-estatais produzem e ‘entregam conteúdos influentes e críticos com fins de moldar percepções, influenciar opiniões e controlar o comportamento’(Armistead 2004, xvii apud MIRRLEES, 2019, p.221)
- tradução nossa

É neste sentido que o Imperialismo Midiático vai além do *Soft Power*, pois nestas possibilidades de intervenção a linha entre o *Soft Power* e o *Hard Power* ficam borradas. Para entender mais a fundo como pode funcionar na prática a instrumentalização de Redes Sociais para fins geopolíticos, faz-se mister o aprofundamento sobre como funcionam os mecanismos basilares de tais plataformas, o que se fará em apertada síntese a seguir.

3. A GEOPOLÍTICA DAS PLATAFORMAS

Dal Yong Jin, em artigo que faz uma análise crítica da economia política do Facebook, vai além do conceito de Imperialismo Midiático para dizer que no estado atual das mídias existe também um Imperialismo de Plataforma. Para o autor (2019), o Facebook é a plataforma imperialista dominante. O poder das plataformas também é tema de artigo de José Van Dijk em parceria com David Nieborg e Thomas Poell:

A habilidade das plataformas de desenvolver padrões técnicos e econômicos interoperáveis e de controlar um conjunto de mecanismos de plataforma, combinado com o seu potencial de alavancar efeitos de rede e difusão global, tornaram-se condições cruciais para o acúmulo de poder. (2019, p.4) - tradução nossa.

Uma das principais formas de instrumentalização é o uso dos dados coletados por estas plataformas para ações de espionagem e vigilância. A mídia, no atual estado das tecnologias de comunicação, não só distribui informações como também colhe uma infinidade de dados de seus próprios usuários, possibilitando ações de vigilância de profundidade e escopo inéditos.

Hoje, o Estado dos EUA usa a internet para conduzir a vigilância das populações em quase todos os países do planeta, com a ajuda das corporações de Big Data que coletam, processam, comoditam,

processam, e vendem acesso aos dados dos usuários para empresas de propaganda. (MIRREES, 2019, p.216) - tradução nossa.

Yong Jin (2019) dá o exemplo da agência *Prism and Upstream* do departamento de Segurança Nacional dos EUA: agência do governo dos EUA destinada a coletar informações on-line de estrangeiros fora dos EUA. Segundo o autor, as agências governamentais geralmente pegam essas informações diretamente dos provedores de serviços na internet ou agem dentro da internet interceptando os fluxos de informações. Uma quantidade imensa de dados pessoais pode ser coletada por essas agências por meio das plataformas.

No entanto a relação entre o Facebook e seus usuários representa uma relação de poder clandestina. Como Fuchs (2012, 34-35) argumenta, a coleta de dados do Facebook ‘não é de nenhuma forma transparente: o usuário individual não sabe quais dados são colhidos de qual fonte sobre ele/ela nem para quem esses dados são vendidos’, e o usuário é frequentemente ignorante sobre ‘a vigilância e comodificação de dados de usuários para uso em propaganda direcionada que ajuda o Facebook a acumular capital (2019, p.189) - tradução nossa.

Outra forma de instrumentalização está no controle da mediação da sociabilidade que acontece nas Redes Sociais, o que oferece oportunidades para manipulação. Harari (2018, p.74) diz que a ilusão de livre-arbítrio provavelmente vai se desintegrar à medida que instituições, corporações e agências de governo compreenderem e manipularem o que antes era o inacessível reino subjetivo. Isto pode ser feito para melhorar a legitimidade de liderança internacional da potência dominante (*Soft Power*) ou para fins de intervir na democracia, coesão interna ou desenvolvimento sociocultural de determinado país (Imperialismo Midiático). Como já especificado anteriormente, as redes sociais não são neutras e a experiência de cada usuário dentro das mesmas ocorre com o controle de um algoritmo que personaliza a experiência de cada usuário de acordo com os dados colhidos. Em *The Platform Society - Public Values in a Connective World*, três estudiosos do fenômeno da plataforma afirmam que

Os valores em jogo neste debate não são apenas econômicos e sociais, mas inevitavelmente políticos e ideológicos, por isso precisamos olhar para os papéis que as plataformas on-line assumem na organização das sociedades numa ordem mundial globalizante. A geopolítica das infraestruturas de plataformas informa os caminhos pelos quais o poder é distribuído, não apenas poder de mercado, mas também poder de Estado.(VAN DJIK et al, 2018, p.8) - tradução nossa.

Afirmam ainda que

Grandes Estados estão começando a competir e cooperar com plataformas com operações globais numa arena política na qual nada menos que uma nova ordem mundial está em jogo - uma ordem mundial onde usuários individuais são uma coleção de pontos de dados e onde comunidades são fluidas, temporárias e coleções manipuláveis de usuários individuais.(p.8) - tradução nossa.

Pela leitura completa da obra, depreende-se que os Grandes Estados referidos são EUA e China. Tendo em vista os limites e finalidades da atual pesquisa e a atualidade e importância dos estudos de plataformização, bem como o peso que esses autores dão à relação entre as plataformas digitais, no geral, e a geopolítica, pretende-se, em estudo posterior, continuar as reflexões aqui desenvolvidas através da aplicação pormenorizada destas teorias - com atenção especial à descrição dos mecanismos das plataformas: dataficação, comodificação e seleção⁴ - para relacioná-los com a disputa geopolítica entre Estados Unidos e China.

Em 2020 o governo dos EUA tentou banir o TikTok sob o argumento de ameaça à segurança nacional. Em que pese a tentativa de banimento não ter prosperado em face de decisão judicial, é um momento privilegiado para se analisar os atores envolvidos, suas agendas, entre outras controvérsias. É o que os teóricos da Teoria Ator Rede chamam de abertura de caixa-preta. Por isso, estudo posterior que se utilize da metodologia da Cartografia das Controvérsias para analisar a tentativa de banimento do TikTok com base na teoria Ator-Rede mostra-se salutar para os estudos de Mídia e Sociedade.

Com o apoio do arcabouço teórico sobre os estudos de plataformização, a Teoria Ator-Rede e aplicação da Cartografia das Controvérsias, ao não diferenciar atores humanos e não-humanos na formação do social, pode permitir uma análise mais depurada sobre as agências dos atores políticos e tecnológicos em jogo nas associações entre geopolítica e Redes Sociais. A continuidade dos estudos deste artigo, nos moldes expostos, pode contribuir para os estudos da Comunicação na medida em que aperfeiçoará o entendimento sobre os mecanismos de plataformas de Redes Sociais

⁴ Dataficação é o processo pelo qual a experiência dos usuários dentro de plataformas digitais é transformada numa quantidade industrial de pontos de dados pessoais. Comodificação é o processo pelo qual estes dados são processados e transformados em produtos. Já a seleção é o processo pelo qual a experiência dos usuários nas plataformas é personalizada com base nos dados colhidos.

levando em consideração possíveis agenciamentos políticos (que podem caracterizar vieses diversos), possibilidades de instrumentalização estratégica e ameaças às soberanias e democracias de países diversos em um cenário internacional caracterizado pela tensão e bipolaridade.

CONCLUSÃO

Deixamos evidente que o uso de artefatos midiáticos para o exercício do poder é uma constante desde que estes existem, é o que se define como Poder Simbólico. A ascensão norte-americana como principal superpotência do sistema internacional concedeu a este país uma posição altamente privilegiada para o exercício deste tipo de poder. Foi assim, através da busca pela liberalização de mercados estrangeiros para a expansão de sua indústria cultural que corporações de mídia e governo dos EUA conquistaram largo histórico de conluio para a conquista de objetivos em comum no sistema internacional. Destas práticas surgiram os conceitos de *Soft Power* e de Imperialismo Midiático. Enquanto o primeiro define a ação de corporações midiáticas de construir ao redor do globo a imagem de uma América que brilha como exemplo de organização socioeconômica para o resto dos países, o último define ações governamentais apoiadas por corporações midiáticas com fins de mudar o rumo sociopolítico de países terceiros de forma mais direta. Expusemos como essas práticas foram aperfeiçoadas e tiveram janelas maiores de oportunidades abertas com o advento das Redes Sociais.

Vimos também que, com a ascensão internacional da China, o país também está em busca de uma posição de privilégio para o exercício do poder simbólico em congruência com a expansão de seu poder econômico e militar. O conceito de *Soft Power*, desta maneira, já não pode mais ser usado para definir apenas o caminho traçado pelos Estados Unidos para conquistar mentes ao redor do mundo em favor do largamente difundido *American Way of Life*. A China, na sua condição de gigante econômico, também luta por espaço na indústria cultural globalizada em conjunto com a tentativa de contrapor as narrativas da mídia tradicional ocidental que a retratam como um país atrasado e autoritário. Dentro do novo ecossistema midiático que surgiu com a internet, as Redes Sociais se encontram em posição de proeminência para se pensar as

possibilidades de instrumentalização para o exercício do poder simbólico também em favor da China.

Ao fim, se verificou que os principais ativos que podem ser evidenciados nas Redes Sociais e instrumentalizados dentro destes contextos são o fluxo de dados e a personalização da atividade dos usuários, mas não apenas. Como sugestão para a continuação das pesquisas, sugeriu-se analisar a disputa geopolítica entre EUA e China e suas relações com as Redes Sociais Digitais a partir das referências dos estudos de plataforma. Os fenômenos da dataficação, comoditização e da personalização estão concedendo cada vez mais poder nas mãos das plataformas digitais - que estão centralizando a organização socioeconômica ao redor do mundo em contraponto ao poder regulador dos Estados. No caso das Redes Sociais Digitais os riscos são mais drásticos e implícitos ao mesmo tempo. Isso se dá pela capacidade de personalizar a atividade do usuário em plataformas diversas, com o auxílio dos ativos obtidos no processo de dataficação, mas não apenas. A governança deste processo é de difícil fiscalização, ao mesmo tempo em que as Redes Sociais tornaram-se lugar privilegiado para a formação da opinião pública e de movimentos sociais de alta relevância.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. O Poder da Comunicação. 4ª Edição. São Paulo: Paz & Terra, 2013.
- CASTELLS, Manuel. Ruptura. 1ª Edição. São Paulo: Zahar, 2018
- HARARI, Yuval Noah. 21 Lições para o século 21. 1ª Edição. São Paulo. Companhia das Letras, 2018.
- JIN, Dal Yong. Facebook's Platform Imperialism - The Economics and Geopolitics of Social Media. In: BOYD-BARRETT, Oliver e MIRRLEES, Tanner. Media Imperialism. Londres: Rowman & Littlefield, 2019. p. 187 - 198.
- KISSINGER, H. Diplomacia. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1999.
- KUMAR, K. Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: Novas Teorias sobre o Mundo Contemporâneo. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Hazar Editor. 1997.
- LEMOS, A. Comunicação das Coisas. 1ª Edição. São Paulo: Editora Annablume, 2013.
- MAHBUBANI, Kishore, Has China Won? 1ª Edição. New York: Public Affairs, 2020
- MIRRLEES, Tanner. "Weaponizing" the Internet and World Wide Web for Empire. In: BOYD-BARRETT, Oliver e MIRRLEES, Tanner. Media Imperialism. Londres: Rowman & Littlefield, 2019. p. 213 - 232.

MURDOCK, Graham, The Empire's New Clothes: Political Priorities and Corporation Ambitions in China's Drive for Global Ascendancy. In: BOYD-BARRETT, Oliver e MIRRLEES, Tanner. Media Imperialism. Londres: Rowman & Littlefield, 2019. p.291 - 304

NYE, J. Do Moral Matters? Presidents and Foreign Policy from FDR to Trump. 1º Edição. New York: Oxford University Press, 2019.

SPARKS, Colin. China - An Emerging Cultural Imperialist. In: BOYD-BARRETT, Oliver e MIRRLEES, Tanner. Media Imperialism. Londres: Rowman & Littlefield, 2019. p.275 - 289

U.S DEPARTMENT OF STATE. A Foreign Policy for the American People (Speech). c2021. Disponível em: <https://www.state.gov/a-foreign-policy-for-the-american-people/>. Acesso em: 3 de abr de 2021.

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia. 14º edição. Rio de Janeiro, editora Vozes, 2018.

VAN DJIK, José, Guarding Public Values in a Connective World. In: BOYD-BARRETT, Oliver e MIRRLEES, Tanner. Media Imperialism. Londres: Rowman & Littlefield, 2019. p. 175 - 186.

VAN DJIK, José; NIEBORG, David; POELL, Thomas. Reframing Platform Power In: Journal of Internet Policy Review, Volume 8. 2019. p. 1-18.

VAN DJIK, José; POELL, Thomas; WAAL, Martijn de. The Platform Society: guarding public values in a connective world. 1º edição. New York. Oxford University Press, 2018.